



RelevO

Maio de 2025
/ n. 9 a. 15 /
ISSN 2525-2704

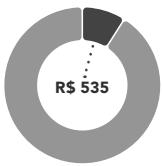
Periódico literário
independente feito
em Curitiba-PR
desde set/2010



DOS CUSTOS DA VIDA

RECEITA BRUTA

ASSINANTES ▶



Famílias Oliveira & Souza: 9%

Demais sobrenomes: 91%

R\$ 50 René Licht; **R\$ 70** Juliana Andrade Rangel; Rafael de Carvalho Parreira; Cristiano Martins Oliveira; Aline Carvalho; Jordana Nunes; Flavio Joppert; Giovanni Guerreiro; Marcos Beccari; Daniela Kern; Henry Capelossi; Matheus Silveira; Bianca Albuquerque; Gianni Maria Carneiro; Laura Redfern Navarro; Thalita Neres; Evandro Gomes Meneses; Jeferson Stelle; Danilo Leite; Diego da Silva Saldanha; Cecile Souza; Gabriela Rubim; Erich Ruy Erzinger Alves; Sandro Martins Ayres; 100/cabeças; Reginaldo Custódio; Edson Valente; Anthony Portes; Celia Moro; Nadja Rodrigues; Leila Bortolazzi; Luiz Renato Sassi; Cláudia La Bella; Maurício Simionato; Damaris Pedro; Sergio Rodrigues; Lila Dariva; Lisley Franco; Pedro Henrique Souza; Letícia Oliveira; Hadna Abreu; Lucas Mendes; Philippe Braz; Fernanda Carneiro; Martha Neves; Lis Del Barco; Diêgo Laurentino de Carvalho; Rayane Calais; Raquel Leite; Juliana Vilas Boas; Laís Valério Gabriel; Edson Gallo; Eliza Pizzaia; Jorge de Souza; **R\$ 77,77** Lucas Gomes; **R\$ 80** Eduardo Pereira de Souza; Marcos Franceschi; Fernanda Celuppi; Magno Van Erwen; Maurem Kayna; Rômulo Cardoso; **R\$ 105** João Gabriel Oliveira; Michele Dias dos Santos; Simone Nunes; Daniel de Araújo Barbieri; Juliana Depiné Alves Guimarães; **R\$ 113,13** Mariele Groxko; **R\$ 140** Silvana Guimarães; Felipe Durlí; Eduardo Tesseroli; Rodrigo Soroca; Ariane Miwa Miake; Raquel Duarte De Freitas; Cynthia Araújo; **R\$ 150** Josiane Mayr Bibas; Nadini Moraes.

R\$ 6.335,90
● TOTAL ◀

ANUNCIANTES ▶

R\$ 1.220
● TOTAL ◀

R\$ 50 O Alienígena da Amazônia; **R\$ 70** Luiz Gustavo Vicente de Sá; **R\$ 100** Museu do Livro Esquecido; **R\$ 200** Editora Litteralux; **R\$ 400** Editora Moinhos; Cesar de Mello Campos.

DESPESAS DO MÊS

Domínio mensal
R\$ 45

CUSTOS ADMINISTRATIVOS ●

CUSTOS FIXOS ●

Gráfica
R\$ 2.562

Escritório
R\$ 300

Editor-assistente
R\$ 400

Serviços editoriais
R\$ 200

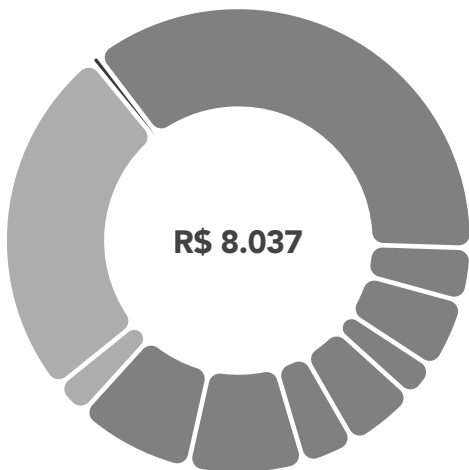
Serviços gráficos
R\$ 400

Serviços logísticos
R\$ 300

Mídias sociais
R\$ 650

Colaboradores de abril
R\$ 660

Editor-executivo
R\$ 0



Transporte
R\$ 200

Correios
R\$ 2.000

CUSTOS VARIÁVEIS ●

É GALERA, ESTAMOS NESSA SITUAÇÃO AÍ

Entradas totais: **R\$ 7.555,90**

Saídas totais: **R\$ 8.037**

Resultado operacional: **-R\$ 481,10**



EXPEDIENTE



Maio 2025

Editor: Daniel Zanella

Editor-assistente: Mateus Ribeirete

Ombudsman: Rafael Maieiro

Revisão: Às Vezes

Projeto gráfico: Bolívar Escobar

Advogado: Rafael Estorilio

Impressão: Gráfica Exceuni

Tiragem: 4.500

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri

Rafael Estorilio

Celso Martini

Rômulo Cardoso

Felipe Harmata

Amanda Vital

Whisner Fraga

Fernanda Dante

Nuno Rau



Edição finalizada em 29 de abril de 2025.

ASSINE / ANUNCIE

O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

PUBLIQUE

O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

NEWSLETTER

Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

DAS OBRAS

As ilustrações desta edição são de **Hercules Rodriguez**. Você pode conferir mais do trabalho dele em opusgarden.com.br

TIPOGRAFIA

As fontes que usamos nos títulos são oferecidas gratuitamente pela fundição francesa Velvetyne: velvetyne.fr





CARTAS

DE UMA RECUSA

Gabriel Pinheirinho • Olá, tudo bem? Imagino que essa mensagem de recusa do meu material seja automática. Gosto muito do trabalho de vocês e agradeço pela resposta. Fiquei pensando se respondia. Mas o fato é que poucas pessoas param para observar as poesias visuais que escrevo como merecem, e por isso não captam o real sentido da sua estrutura. Talvez estejam acostumadas a um tempo diferente do que o pensamento precisa... Duvido que vocês tenham percebido que uma mesma frase do meu poema está escrita literalmente em todas as suas variações, que vão cada vez mais se concentrando. Se vocês percebessem isso, talvez vissem a profundidade e a radicalidade desse poema. Entendo a escolha editorial e não me preocupo com isso, mas gostaria que esse poema fosse apreciado com mais atenção — não para ser publicado ou nada parecido, mas para compreender o que está em jogo. Infelizmente, hoje em dia, poucos param e realmente pensam no que está acontecendo — até mesmo pela superficialidade contida no próprio espírito dos nossos tempos. Mas mando aí embaixo um parágrafo explicando esse poema. Não gostaria de explicá-lo, mas se mostra necessário pela falta de compreensão. Tenho certeza que vocês, como apreciadores da boa literatura, vão entender do que estou falando.

DE OUTRA RECUSA

Larissa Anitta • Já assinei por um ano e não quero exemplar de cortesia para entender vocês melhor. Fora que enviei esses poemas que vocês recusaram em 2024. Afinal, o que vocês procuram? Tenho 300 poemas de todos os tipos, mas mesmo assim obrigada por nada.

DE MAIS OUTRA, DE TRÊS ANOS ATRÁS

Renato Duque • Vocês podem postar meu comentário de três anos atrás na próxima edição que não vou deixar de escrever por conta de vocês: editor, você é muito metido. Rejeitou meu conto pois sabe que sou melhor que você. Você ainda vai ouvir falar muito do meu heterônimo ESTEVO QUENGO e também dos meus dramas. Vou guardar esse conto para publicar como infantojuvenil. Grandes merdas você. Você é mais um desses carinhas que se acham porque escreve ou porque tem a porra dum jornal. RENATA o caralho. É RENATO. Enfia a revista no meio do seu cu gordo.

RECUSA COM OFENSA AO MANCEBO

Adelmo Oliveira • O Brasil é realmente um país estranho, problemático e às avessas. As notícias de extrema necessidade para o engajamento social são descartadas, mas se fosse um anúncio de funk ou algo assim apostado que seria manchete. Não me leve a mal. Eu tenho 53 anos de vida literária e sei do que estou falando. No Brasil, o que dá dinheiro

é futebol, mulher pelada e corrupção política. Você não vai publicar meu livro porque, com todo respeito, lhe falta culhão. Você faz ideia de quantas desculpas esfarrapadas como essa eu já recebi? Não quero receber nada de vocês. Meu beócio mancebo, você que não tá percebendo a essência da situação. Minha poesia é pesada, melancólica e retrata um Brasil que decerto você não viveu. Já vi que esse jornaleco de quinta categoria não vai me levar a lugar algum e nem essa discussão. Então, vamos encerrar por aqui. Foi um desprazer. Lamentavelmente.

DE MAIS UMA RECUSA, SEM BÍLIS

Adriana Silva Barbosa • Olá, Jornal! Tudo bem? Agradeço a oferta, mas, como escritora, conheço os custos de uma edição impressa e os valores praticados pelos Correios. Assim, posso ler as edições no website do Jornal e a edição física poderá ser direcionada para um(a) leitor(a) que lê apenas em formato físico.



AÍ A GENTE NÃO SE AJUDA

Demian Gonçalves Silva • Caro Jornal, foi com satisfação que vi a minha tradução de “The Libido for the Ugly”, de H. L. Mencken, publicada na última edição, de abril, mas percebi que me foi atribuída erroneamente a tradução do poema 1 do livro 13 de Marcial à página 20 do Jornal. Fico lisonjeado ao ver o meu nome acima de uma tradução direta do latim clássico, mas a verdade é que sou analfabeto nessa língua e não gostaria de usurpar o mérito da tradução a quem de direito. Abraços!

Fábio Cairolli • Caríssimos, recebi com muita alegria mais uma edição de vocês. E fiquei exultante de ver minha tradução do Marcial publicada neste número de abril. Mas não é que ela saiu atribuída a outro autor?!

Da redação • Que vergonha, que vergonha, que vergonha. Melhor: *quod verecundia!*

AYRTOOON SENNA

Paulo Berri • Caríssimos, é sempre um prazer me deparar com o estilo leve e criativo de escrever de vocês. “Ter o Galvão Bueno no ápice como amigo pessoal não atrapalha”: impagável! Acho que domiciliar se refere a residencial e não a dominical... Faltou aproveitar a “piada”: o Comas corria o risco de entrar em coma. Abraços lítero-culturais!

Luis Felipe Mayorga • Eu estava lá, em 1994, com seis anos de idade. O dramalhão do velório do Morpheus no final de Sandman

não é NADA perto daquele funeral nacional. Creio que por alguma orientação da minha tia que era psicanalista infantil, nós, crianças, desenhávamos o Senna, seu capacete, o carro, em várias versões e tamanhos, enquanto a televisão explorava todas as nuances do cortejo durante o dia inteiro. Mas realmente, nunca mais a F1 foi a mesma coisa. Nunca mais eu veria meus tios, pai ou padrasto assistindo corridas com a mesma emoção. Ah, um tempo depois veio a homenagem póstuma dos quadrinhos do Senninha e sua turma (wtf?) que eram muito bem roteirizados e desenhados, porém tinham um gosto bem amargo e melancólico no coração.

Clenio Santos • Acompanho a F1 desde os anos 1980, já tive a oportunidade de ver ao vivo e mergulho na literatura especializada há anos, mas tenho que registrar que nunca vi um texto escrito com um apuro, uma qualidade, uma competência tão grande, notadamente por alguém que não é um iniciado nesse mundo como essa preciosidade literária que comento. Eu me lembro claramente desse 1º de maio de 1994, assistia a corrida, contava com 20 anos, e acompanhei todo o desenrolar da tragédia humana e pessoal. Parou um país, do fato até o sepultamento sentia-se o clima pesado, um luto coletivo, que repercutiu por toda a nação. Confesso que não assisti mais a F1 naquele ano, mas amadureci para entender que o esporte é maior do que o atleta, abandonei essa concepção mítica sobre o Senna, embora o considere o melhor de todos os tempos. Atualmente acompanho as corridas com mais prazer do que naquele tempo, liberado que estou de torcer por brasileiro (até porque o que lá está é mediano) e com isso me concentro na magia que é a mistura de tecnologia, precisão e risco (sim, ainda é possível morrer, por mais seguros que os bólidos de hoje o sejam) em uma corrida de carros.

LINHA PONTA-PORÃ-ARARAQUARA

Tiago Flores • Assinar o **RelevO** e ter a cada mês o prazer de dedicar um tempo à leitura da edição impressa já se tornou um hábito, e cada vez mais legal! A propósito das colaborações, já mandei 37. Todas devidamente ignoradas. O que a meu ver só confirma a qualidade do Jornal! Mas é bom demais fazer parte dessa maçonaria que nos entrega mensalmente conteúdo subversivo num envelope de papel pardo. E, como todo bom impresso, que delícia a seção das cartas dos “confrades”. Eu sei, eu sei. É bom demais ter o nome impresso em papel... de jornal. Por isso aproveito para mandar um abraço aos parentes de Itaparica, aos primos de Ponta-Porã, aos conhecidos de Araraquara (alô, pai!; alô, mãe! E um eu te amo pra minha namorada!). Salve!

Bryda Liz Figueiredo • Oi, **RelevO**! Estou escrevendo este e-mail porque a minha edição de março ainda não chegou,

então acho que deve ter sido extraviada, como ocorreu em setembro. Além disso, queria dizer que a edição de fevereiro foi porrada! Como amei quase tudo, queria deixar só um destaque para o fuderoso “Olaria”, de Rodrigo Kmiecik, e para o rehab de startupeiros, que me tirou bons risos. Bom demais!

Felipe Gomes • Para minha surpresa, encontro a edição de abril na caixa de correio já no dia 10. Comecei a ler. Obrigado pelo envio.

Juliana Andrade Rangel • Jornal! Como posso ter perdido um e-mail de tamanha importância? ÓOOOBVIO que vou seguir com a assinatura! A chegada do RelevO é meu grande momento de paz do mês!

Mariela Mei • Oi, Jornal! Passando rapidinho para dizer que as minhas edições (que delícia esse plural) chegaram e eu já iniciei o deleite da leitura. Muito obrigada, que bom poder voltar a ler o Jornal, nem sabia o tamanho da saudade... Tolice minha!

René Licht • Olá, Jornal! Recebi as versões impressas de fevereiro, março e abril. Obrigado! Faz anos que só leio e-books (Kindle) e manusear um jornal de verdade transportou-me ao passado. Assim que me acertei na coordenação motora com as páginas, rejuvenesci. Li a edição de fevereiro e estou finalizando a de março. Encontrei o relevo que se encaixa na minha sinuosidade. Como fui descobrir vocês só agora? Acabo de enviar dois textos para o conselho editorial. Por precaução, separei uma lata com creolina que será ingerida se houver recusa. Agora, dois outros assuntos sem relação com os anteriores: (1) caso um dos textos seja selecionado, não quero receber a remuneração de 60 reais. Quero que fique como doação; (2) fiz a assinatura padrão, de 70 reais, mas quero convertê-la na de apoiador, de 105 reais. É possível? Cuidem-se bem. Não por vocês, pelos assinantes! Vi que as categorias de assinatura são flexíveis. Importante é contribuir um pouco para o balancete tentar inverter a posição. Ah, fiquei encasquetado com uma coisa. Imagino que o “o maiúsculo”, de RelevO, deva ter algum significado especial, mas no Jornal não notei pistas. Também imagino que esse significado tenha sido divulgado. Pensei que esse “o maiúsculo” pudesse ser um convite para o escrever fora das regras: é um “o”, com função de “o”, mas um “o” rebelde. Entre o “r”, o “l” e o “o” formam-se vales que remetem à topografia que remete a relevo. Mas o “o” tem forma de alvo, aparece no fim, para ser atingido com destaque por ser maiúsculo. Enfim, fiquei intrigado com esse “o maiúsculo”! Abraço e continuem cuidando-se!



Impresso 2222

A ÚNICA RAZÃO DE SER DO TEMPO É EVITAR QUE TUDO ACONTEÇA DE UMA VEZ, teria dito Albert Einstein. Se você está lendo isso é porque viu esta citação no site O Pensador ou, de algum modo, temos uma conexão. Não a de fibra ótica, mas alguma outra — sobretudo a que passa por interesses culturais e literários, talvez uma certa inquietação que sobrevive à bateria fraca, ou algum tipo de deslocamento de certa lógica hegemônica de comunicação. Você está lendo a edição 192 do nosso periódico. Faltam somente 2.031 para chegarmos à mítica edição 2222. Não sabemos bem até onde essa estrada de Gilberto Gil vai dar. Se mantivermos o ritmo mensal, chegaremos lá daqui a mais ou menos um século. Devaneios. Como diria Aldir Blanc, em ‘Resposta ao Tempo’, nós precisamos beber um pouco para ter argumento.

Mas enquanto a longevidade segue uma incógnita, a certeza é que estamos vivos agora — circulando, imprimindo (não oprimindo) e continuando. Não por teimosia ou fetiche *vintage*, e sim porque o impresso funciona para nós. É direto, não depende de servidor, não pede atualização, não sugere um assistente de IA e nunca nos interrompe com uma notificação de que “você pode gostar disso aqui”. O **RelevO** não sabe o que você quer, tampouco publica *exatamente* o que você quer. E isso, acredite, é uma bênção.

A internet, por outro lado, parece atravessar a crise existencial de uma meia-idade precoce, repleta de discussões sobre a morte de seu formato. De fato, nos últimos tempos, tem ganhado força a teoria conhecida como “Internet Morta”. A ideia, disseminada em um fórum por uma peculiar conta chamada Illuminati Pirate, é que a rede, antes (*por supuesto*) cheia de trocas reais entre pessoas, hoje está tomada por robôs — os famosos bots — que curtem, comentam, compartilham e até criam

conteúdo sozinhos. Em diversos textos, já repercutimos o estranhamento que nos causam as interações de empresas fazendo humor (publi) com outras empresas, enquanto verificamos a vertigem natural do ciclo dos memes, que, saídos de um nicho, são repetidos à exaustão até serem devidamente enterrados pela inserção na publicidade intrusiva. A cadeia alimentar do meme.

Segundo essa teoria, a maior parte do que vemos online não é feita por humanos, mas por sistemas automatizados e inteligência artificial. O resultado? Um ambiente digital cada vez mais agitado, onde as interações autênticas dão lugar a repetições mecânicas, e nossos hábitos, gostos e opiniões passam a ser moldados por algoritmos que nem sabemos direito como funcionam. É como se vivêssemos permanentemente dentro de um episódio ruim de Black Mirror.

Vivemos, portanto, num looping de memórias inflada por IAs treinadas para copiar outras IAs treinadas, que copiam textos de ninguém, com um coeficiente negativo de originalidade e surpresa. A promessa de um espaço de troca virou um cemitério de opiniões empilhadas. E ainda dizem que foi a imprensa quem morreu.

Pois bem: o **RelevO** segue impresso. E isso não é resistência romântica — é escolha editorial. O papel não vaza dados, não coleta cookies (nem sabe pra que eles servem) e não te “traquêia” no Mercado Livre depois de uma pesquisa sobre a sua lombar. A cada edição, oferecemos não uma timeline, mas uma curadoria. Não há rolagem infinita, só começo, meio e fim. Uma edição pensada para ser lida com calma — ou

com raiva, se preferir —, mas lida. Um jornal que não te pede cliques nem te recompensa com dopamina digital. Ao contrário da lógica do feed, que te suga até o cansaço como um parasita, somos feitos para interromper fluxos, não para alimentá-los.

Não temos pressa, e isso é uma escolha. Em vez de sermos mais uma aba aberta no seu navegador mental, queremos ser o intervalo. Um suspiro editorial entre uma notificação e outra. Um convite a se demorar pela via da página como quem vira uma esquina inesperada e descobre uma cafeteria nova. Garantimos: aqui, cada texto passou por olhos humanos. Não estamos competindo por segundos da sua atenção. Impresso não é segunda tela, embora possa ser refletido na tela a partir de postagens, comentários, likes. Não somos contra a cultura digital, e sim contra oligopólios que querem que sejamos apenas consumidores derretidos na montanha-russa de produtos vagos e serviços duvidosos.

Mais do que nunca, leitores nos encontram por uma razão simples: estafa. De estar online, de não saber onde termina o conteúdo e começa a propaganda, de consumir e esquecer. E por isso nosso clube de assinaturas é regular, constante — ou, no padrão doente do mercado, estagnado. No fundo, apenas temos um ritmo menos histérico. Talvez nunca cheguemos à edição 2222. Mas a jornada, para nós, já é um acontecimento. E seguimos circulando. Porque o mundo pode ser algorítmico, mas você pode a qualquer momento nos amassar como um origami e não aceitar ser reduzido a um mero receptor de ideias gastas.

Uma boa leitura a todos. ®

Durante sua vida útil (6 anos) cada pneu de um caminhão pequeno libera 1kg de borracha no ambiente. Pneus de borracha são uma das principais fontes de microplásticos no ambiente. Estima-se que cerca de 1,5 milhão de toneladas de partículas de pneus sejam liberadas anualmente, representando até 28% do total de microplásticos nos oceanos. As partículas geradas pelo desgaste são transportadas pela chuva e vento para corpos de água doce ou o mar, onde afetam ecossistemas marinhos, são ingeridas por organismos como peixes e plânctons, entram na cadeia alimentar e em nossos pratos. Uma pessoa pode ingerir até 5 gramas de plástico por semana, o equivalente a um cartão de crédito. Por isso, use seu Jornal RelevO com dignidade. @descrioamazonia



APOIADORES



FLESCH'S NOTES
Costurando cadernos • Realizando sonhos



MARLON REIS
& ESTORILIO
ADVOCACIA



Banca Tatui www.bancatatui.com.br
Desenho por Ângela León

São Paulo / SP



Kamehameha de papel

RAFAEL QUASE MAIEIRO

O **RelevO** (orelhas de abano?) que você tem em mãos já não é apenas um impresso, é uma plataforma transmídia que encontra seu auge no formato de bolinha de papel.

Esse formato, poderia dizer, *essa persona do ser social* rs), nos acompanha desde o simples jogo escolar, bem antes da 5ª série, e até agora, como protagonista de atentados terroristas.

Faz a janelinha! Bem me lembro, jovens leitores, quando ela acertou a careca de um candidato à Presidência, o levou ao hospital, com cobertura de toda a mídia. Olhando de hoje, posso afirmar que foi a polêmica jamais vista do VAR. Daquela vez, a simulação foi revelada. Não entendeu? *Transmídia?* Dá um Google. Ou pede um QR Code.

Por isso, senhoras e senhores, não se enganem: o RelevO, com suas armas de destruição em amassa, é uma *célula literário-humorística* (CeLiHumor) que põe em risco a segurança nacional. Golpistas de plantão, neonazis e afins: abram o olho sobre as intenções deste Jornal! Esqueçam o Lula e o Xandão!

★

Já que não taxam as grandes fortunas, vamos tachar os grandes escritores:

— Eu queria ser palhaço.
— Você? Não seja ridículo. Vida de palhaço não tem graça. Você acha fácil fazer cem pessoas caírem na gargalhada? Continue dando capim aos elefantes e carnes aos tigres.
[...]
Um dia, o palhaço, seu amigo, chegou e disse, bem baixinho:
— Vamos fugir daqui.
— Mas não é perigoso?
— Afinal, garoto, você quer ou não aprender a arte da guerra?
Só então o garoto reconheceu no palhaço o velho da ponte. E ficou muito confuso.
— Quando você acha que a gente deve tentar fugir? — perguntou o velho.
— Bem, de noite, quando todo mundo estiver dormindo e tudo estiver escuro.
— Você não aprende mesmo, hein? De noite é a hora em que os guardas estão com os ouvidos como os de um tigre. Qualquer movimento, qualquer ruído, estamos perdidos.

Vamos fugir amanhã de dia, na hora que ninguém imagina que alguém iria fugir. É a nossa única chance.
— E se não der certo?
— Então os tigres vão ter cozido no almoço.
(LEMINSKI: *Guerra dentro da gente*, Editora Scipione, 1990, p. 19-20)

★

Outros comentários sobre a edição passada (abril) ou quase:

[bolinha de papel *standard*] • p. 23

Sim, o **RelevO** tem QR Code. Evitem esse recurso: ele nos rouba a alma.

[bolinha prateada de papel de cigarro] • p. 8

“santa maré, mãe das rochas / e lantejoulas caídas de estrelas”. Este verso, aquele poema de Piera Schnaider valeu por quase tudo que eu já li no **RelevO**.

[pequena bolinha de papel na agulha de um zarabatana-bic]
• p. 3 [cartas]

Centrar fogo na orelha direita dos coleguinhas do *Rascunho!*

[recorde mundial de embaixadinhas com bolinha de papel]
• todas as páginas

Tá repetitivo, eu sei. Mas a integração entre artistas visuais (na edição em questão, Oli Maia) e projeto gráfico (Bolívar Escobar) está cada vez melhor. Uau de uau mesmo.

[bolinha bet] • página secreta

Um dos contos me irritou bastante. Odd 171. Adivinhem!

[a bolinha de papel de Zenão] • p. 5

Os inúmeros arremessos deste colunista nunca chegam ao alvo, a testa do leitor. Mais um engarrafamento no Rio de Janeiro.

Não assassinado,
Defunto autor



Relançado pela editora Itapuca, o livro de contos **Parafernália**, de Luiz Gustavo de Sá, chega à sua segunda edição. A partir de encontros inesperados e solidões mal resolvidas, os contos de **Parafernália** nos colocam diante de personagens demasiadamente humanos, flagrados em momentos de perplexidade e inquietude, quando o cotidiano parece assumir, repentinamente, outra dimensão. A galeria de tipos apresentados é variada: o homem perseguido por um candidato político; a professora viciada em sapatos; o guia de uma atração turística desinteressante; o corredor de rua entediado; a vendedora dançante. Às vezes divertidas, outras vezes líricas, as histórias que compõem a obra, com frequência, nos convidam a refletir sobre como enxergamos o comportamento do outro, nem sempre coerente para nós à primeira vista.

Parafernália (2a Edição)
Luiz Gustavo de Sá
R\$ 39,90
118 p., Itapuca, 2025
editoraitapuca.com.br/pd-9787e7-parafernalia-2a-edicao



**Poetas e Ficcionistas,
venham prosear com a gente**

publiqueconosco@editorapangeia.com.br

Conheça mais
www.editorapangeia.com.br

Nós nos desdobramos / Para que cada Escritor / Tenha um caso / Que possa chamar de Sua



No terceiro volume da série “Notícia da atual literatura brasileira”, a entrevista literária se apresenta como “escrita de si” para o entrevistado e “escuta criativa” para o entrevistador. Vitor Cei, doutor em Estudos Literários (UFMG) e professor de literatura na UFES, conversa sobre literatura e sociedade com Ana Elisa Ribeiro, André Tessaro Pelinser, Bruno Victor Pacífico, Camila Dalvi, Carlos Alexandre Rocha, Elizabeth Martins, Lara Maria Carvalho, Jerson Junior, Junia Zaidan, Livia Corbellari, Mailson Furtado, Moisés Nascimento, Regina Azevedo, Sarah Forte, Wagner Silva Gomes e Waldo Motta.

editoracousa.com.br/produtos/noticia-da-atual-literatura-brasileira-iii/



Walter Benjamin

Tradução, prefácio e notas de Gustavo de Carvalho

Franz Kafka:

por ocasião do 10º aniversário de sua morte

Trecho de Kafka em quatro retratos-relâmpago
(100/cabeças, 2025)



Conta-se que Potemkin¹ sofria de graves depressões, que voltavam com maior ou menor frequência, durante as quais ninguém tinha permissão de se aproximar e o acesso a seu quarto estava rigorosamente vetado. Não havia menção dessa enfermidade na corte, pois bem se sabia que qualquer alusão ao caso atraía para si a inclemência da imperatriz Catarina. Uma dessas depressões do chanceler durou um tempo extraordinariamente longo. Seguiram-se daí sérios inconvenientes. Na chancelaria amontoavam-se as atas, cujo despacho, impossível sem a assinatura de Potemkin, era requerido pela czarina. Os altos funcionários não sabiam mais o que fazer. Nesse ínterim, um funcionário inferior e insignificante da chancelaria, Schuwalkin, foi parar na antessala do palácio do chanceler por acaso, ali onde, como de costume, os conselheiros reais se postavam, aos montes, lamuriando. “Pois bem, como posso eu servir a vossas excelências?”, disse o solícito Schuwalkin. Explicaram-lhe as circunstâncias e lamentaram não poderem fazer uso dos serviços da chancelaria. “Se isso é tudo, meus senhores”, respondeu Schuwalkin, “deixai as atas comigo, por favor, eu insisto”. Os conselheiros reais, não tendo nada a perder, deixaram-se convencer. Assim, Schuwalkin, com o fardo de documentos debaixo do braço, seguiu por galerias e corredores até o quarto de Potemkin. Sem bater na porta e sem hesitar, girou a maçaneta. O quarto não estava

trancado. De roupão fechado e sentado em sua cama na penumbra, Potemkin roía as unhas. Schuwalkin caminhou até a escrivaninha, mergulhou a pena no tinteiro e, sem dizer uma palavra sequer, colocou-a na mão de Potemkin, já pousando a primeira ata da pilha sobre seu colo. Após um olhar ausente em direção ao intruso, Potemkin, como se ainda dormisse, efetuou a primeira assinatura, então a segunda, e assim por diante com as demais. Uma vez assegurada a última ata, Schuwalkin deixou o aposento assim como chegara: com o fardo de atas de baixo do braço e sem qualquer cerimônia. Triunfante, mostrando as atas, adentrou a antessala. Os conselheiros avançaram impetuosamente em sua direção e lhe arrancaram os papéis das mãos. Suspenderam a respiração e curvaram-se sobre eles. Ninguém disse uma palavra sequer; o grupo estava estarecido. Schuwalkin voltou a se aproximar e novamente inspecionou, solícito, o motivo da consternação dos senhores. Foi então que seu olhar recaiu sobre a assinatura. A primeira ata, rubricada como todas as outras: Schuwalkin, Schuwalkin, Schuwalkin [...].

Essa história é como um arauto que antecipa a obra de Franz Kafka em 200 anos. O enigma que nela se oculta é o enigma de Kafka. O mundo das chancelarias e dos arquivos de registros, dos cômodos escuros, degradados e cheirando a mofo: eis o mundo de Kafka. O solícito Schuwalkin



kin, que leva tudo de maneira faceira e termina de mãos vazias, é o K. de Kafka. Potemkin, no entanto, que vegeta meio sonolento e largado num quarto isolado cujo acesso é proibido, é o antepassado daqueles detentores do poder que em Kafka surgem na forma de juízes habitantes de sótãos, ou na forma de secretários habitantes de castelos – todos decadentes ou já decaídos, ainda que ocupem posições elevadas de *status*. Simultaneamente, eles podem surgir em toda sua plenipotência na forma daqueles de mais baixo escalão e mais degenerados – como porteiros e empregados decrepitos. Mas por que vegetam eles ali? Seriam talvez descendentes dos Atlantes, que carregam o globo terrestre nos ombros? Será por isso, talvez, que cada um deles sustenta a cabeça assim “inclinada tão funda sobre o peito, de modo que mal se veem seus olhos”² como o castelão em seu retrato, ou Klammm³, quando estão sozinhos? Não é o globo terrestre o que eles carregam, mas sim apenas o peso do cotidiano: “sua fadiga é a do gladiador depois da batalha; seu trabalho era, afinal, cair um canto na sala da repartição pública.”⁴

Georg Lukács⁵ disse certa vez: hoje em dia, para se construir uma mesa decente, tem-se que ter o gênio arquitetônico de um Michelangelo.⁶ Enquanto Lukács pensa assim, em termos de épocas históricas, Kafka pensa em eras cósmicas. O homem, para cair uma parede, tem de mobilizar eras cósmicas. E isso mesmo nos gestos mais insignificantes. Por algum estranho motivo, de várias maneiras e com frequência, as personagens de Kafka batem palmas. Inclusive, certa vez Kafka disse de passagem que essas mãos funcionariam como “verdadeiros bate-estacas”.⁷

Em movimento contínuo e lento – crescente ou decrescente – nos inteiramos de quem são esses donos do

poder. No entanto, em parte alguma eles são mais terríveis do que no âmbito onde se erguem em sua mais profunda degeneração: no âmbito paterno. O filho tranquiliza o pai bronco e senil que acabou de colocar na cama com ternura: “fique tranquilo, você está bem coberto”. “Não!”, bradou o pai abruptamente e arremessou o cobertor de volta com tal força que por um instante ele se abriu todo no ar, pou-sando de pé sobre a cama. Com uma mão só ele alcançou o teto, apoiando-se. “Você queria me cobrir, disso eu sei, meu pirralho, mas eu ainda não estou coberto. E se esta é a última de minhas forças, ela é o suficiente para vocês – ela é demais para você! [...] Felizmente ninguém tem de ensinar ao pai como desvendar o filho” – e ele então colocou-se de pé, sem qualquer ajuda, projetando as pernas para a frente. Ele irradiava perspicácia. – “Pois agora você sabe algo sobre o que está fora de sua esfera; até agora você só sabia sobre si mesmo! Sim, de fato, você foi uma criança inocente, mas fato ainda mais certo é que você foi um ser demoníaco!”⁸

O pai que atira para longe o peso do cobertor, lança com ele o peso do mundo. Ele precisa mobilizar toda uma era cósmica para tornar a ancestral relação pai-filho algo vívido, aberto a consequências. E que consequências! Ele condena o filho à morte por afogamento. O pai é aquele que castiga, ele aborda a culpa assim como os oficiais do tribunal a abordam. Há muitos indícios de que, para Kafka, o mundo dos burocratas e o âmbito paterno são a mesma coisa. Essa similaridade não coopera para sua honradez. Redunda em estupidez, de gradação e sujeira. O uniforme do pai está repleto de manchas; sua roupa íntima está suja. Sujeira é o elemento vital dos funcionários públicos. “Era incompreensível para ela por que, afinal, havia horários de

atendimento ao público. ‘Só existem para sujarem tudo na frente da escadaria’, disse um funcionário certa vez, provavelmente com raiva, em resposta a sua pergunta, o que, porém, lhe pareceu fazer bastante sentido.”⁹

A sujeira é o atributo dos funcionários públicos de tal modo que poderíamos vê-los diretamente como parasitas gigantes. Isso, claro, não diz respeito às relações econômicas, mas sim às forças da razão e da humanidade através das quais essa estirpe prorroga sua existência.

Notas

1. Grigory Alexandrovich Potemkin (1739-1791) foi um marechal-de-campo russo, amante e protegido da czarina Catarina II, a Grande. Benjamin teria, segundo o editor Schweppenhäusen, a fonte dessa história no autor russo Aleksandr Pushkin (1799-1837) e suas *Anedotas e conversas de mesa*.
2. *O castelo*. Munique: Kurt Wolff Verlag, 1926, cap. I, p. 11.
3. O castelão e Klammm são personagens do romance *O castelo*.
4. Aforismo número 34 da coletânea de Zürau (1917/1918), em *Na construção da muralha da China*, op. cit., p. 23.
5. Georg Lukács (1885-1971) foi um filósofo e crítico literário húngaro, que viveu por muito tempo na Alemanha. Foi um dos maiores teóricos do marxismo ocidental no século 20.
6. Provavelmente retirado de Ernst Bloch (1885-1977), *Espírito da utopia*, 1918, p. 22. Bloch foi um filósofo alemão da tradição marxista, conhecido principalmente pela obra *O princípio esperança* (3 vols., 1954-59).
7. Trecho do conto “Na galeria”, na coletânea *Um médico rural*, op. cit., p. 35.
8. Trecho de *O veredito*, 1913/1916, p. 65. Esse conto foi publicado em 1913 individualmente pela Kurt Wolff Verlag.
9. Trecho do romance *O castelo*, op. cit., cap. XVII, p. 462.



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro *Viva Ludovico*, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com



Lana Ruff

tempo

faz de tudo obsoleto
fenômeno moiro
tecedeiro e ranhoso
de si todo muco oriundo
impiedoso óxido
jagunço dos mais prevenidos artesão das normalidades sacro
homem perverso
guardião, é verdade,
de toda clemência do mundo

canto no chuveiro

aguado brado
chuva de pranto é
Bethânia quem chamo a
gorjear meu drama
molho a ânsia em
vapor de banho
se apazigua
acho que não
lembro quão bem desafino
enrugo as falanges
dói em dó
machuca igual

água

estranho que de uma sinapse
um sinal
ditame a um grupo qualquer de células apanhadas em qualquer
lado que se embaralham e extraem um pouquinho de si
um pouquinho de oxigênio, o dobro de hidrogênio
vem junto sal
mobilizam outras no caminho
como carrinhos de supermercado em fila
comboio destino final canal lacrimal
e a pressão agora
todas juntas:
oh
recebe o cílio o pacote
vem com uma notinha
diz lá
“eu te vejo”
é o corpo quem diz
“não é muito, mas aí está.
água”



Este livro, fruto de um trabalho de fôlego em termos teóricos, pensa, a partir dos conceitos de biopolítica, de “homo sacer” (“homem sacro”; ser matável) e de “estado de exceção”, os romances do escritor Cornélio Penna: “Frenteira” (1935), “Dois romances de Nico Horta” (1939), “Repouso” (1948) e “A menina morta” (1954). Nessa releitura, Luiz Eduardo Andrade propõe novos caminhos para a leitura do autor modernista, renovando o olhar crítico sobre sua obra. Com prefácio de Sabrina Sedlmayer.

livraria.cepe.com.br/vidas-mataveis-em-cornelio-penna



Milena Lobo

dia de obra

a furadeira fere a brisa em círculos
e engrossa meu ouvido até o fundo
o alívio com o furo chega raso
dá espaço pra britadeira
perfurar meus pensamentos
e romper a lógica linear
em milhões de partículas
psicodélicas

pão para o lanche, açaí batido
o aluguel vence hoje
e o condomínio tem fundo de obras
ou é de reserva?
a obra continua
martela meus capítulos
e enrosca na minha agenda

cinco horas da tarde não acaba
vai até as seis em ponto
empoeira meus livros
prega a sujeira nas páginas
escreve outra história

seis e um ele explode
sorrateiramente
o intervalo aveludado
guardado em silêncio
até amanhã às oito em ponto

Anda vendo coisas?



Escreva para nós e conte-nos o que você anda vendo por aí:
contato@jornalrelevo.com





Valorizando a literatura
brasileira contemporânea.

Confira nosso catálogo e conheça nossos autores.
editorasinetete.com.br

**você tem
um livro de poesia?**

**nós temos
seus leitores**

envie um email para
contato@faziaipoesia.com.br
e inclua sua obra nos canais do portal **Fazia Poesia**



CINCO SONETOS GENIAIS

O soneto é um poema de 14 versos, distribuídos em quatro estrofes, normalmente (mas não obrigatoriamente) decassílabos, e (com exceção de alguns sonetos modernistas) seguindo um esquema rítmico rigoroso. No Brasil, praticamos o soneto italiano ou petrarquiano (criado pelo poeta e humanista italiano Petrarca), composto de dois quartetos e dois tercetos. Na Inglaterra, consagrou-se uma variante, o chamado soneto inglês ou shakespeariano (criado por Shakespeare), constituído de três quartetos e um dístico (estrofe de dois versos) final. Pode terminar em chave de ouro, um verso final que dá um fechamento surpreendente.

“ESSA QUE EU HEI DE AMAR”

Guilherme de Almeida

Essa que eu hei de amar perdidamente um dia
será tão loura, e clara, e vagarosa, e bela,
que eu pensarei que é o sol que vem, pela janela,
trazer luz e calor a essa alma escura e fria.

E quando ela passar, tudo o que eu não sentia
da vida há de acordar no coração, que vela...

E ela irá como o sol, e eu irei atrás dela
como sombra feliz... — Tudo isso eu me dizia,

quando alguém me chamou. Olhei: um vulto louro,
e claro, e vagaroso, e belo, na luz de ouro
do poente, me dizia adeus, como um sol triste...

E falou-me de longe: “Eu passei a teu lado,
mas ias tão perdido em teu sonho dourado,
meu pobre sonhador, que nem sequer me viste!”

“CÍRCULO VICIOSO”

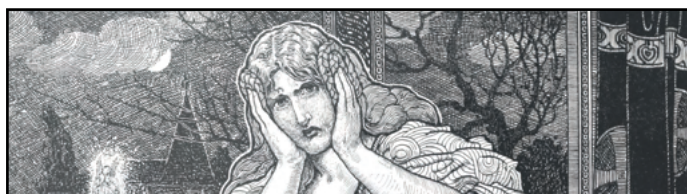
Machado de Assis

Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:
– “Quem me dera que fosse aquela loura estrela,
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela!”
Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme:

– “Pudesse eu copiar o transparente lume,
Que, da grega coluna à gótica janela,
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bela!”
Mas a lua, fitando o sol, com azedume:

– “Mísera! tivesse eu aquela enorme, aquela
Claridade imortal, que toda a luz resume!”
Mas o sol, inclinando a rútila capela:

– “Pesa-me esta brilhante auréola de nume...
Enfara-me esta azul e desmedida umbela...
Por que não nasci eu um simples vaga-lume?”



Anda ouvindo coisas?

Escreva para nós e conte-nos o que você anda ouvindo:
contato@jornalrelevo.com



“VELHAS ÁRVORES”

Olavo Bilac

Estas velhas árvores, mais belas
Do que as árvores novas, mais amigas:
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procelas [=tempestades]...

O homem, a fera, e o insecto, à sombra delas
Vivem, livres de fomes e fadigas;
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E os amores das aves tagarelas.

Não choremos, amigo, a mocidade!
Envelheçamos rindo! envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem:

Na glória da alegria e da bondade,
Agasalhando os pássaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem!

“TÚMULO”

Ricardo Gonçalves

Modesta cruz de pau numa clareira,
Onde pipilem trêfegos sanhaços;
Modesta, sim, mas que uma trepadeira,
Para enfeitá-la, cinja-lhe os dois braços.

E que eu repouse ali, na hospitaleira
Sombra do bosque, livre de cansaços,
Como quem, pelas horas da soalheira [=hora de calor mais intenso],
Foge da estrada aos cálidos mormaços.

Ei-lo o túmulo simples que ambiciono
Para deitar a carne fatigada,
Para dormir o derradeiro sono.

Como serei feliz no meu jazigo!
Aves, flores, a mata embalsamada [=impregnada de bálsamos, perfumada],
E eu a dormir, eu a sonhar contigo...

“SER CRIANÇA”

Valdez de Oliveira Cavalcanti

Pisar no lodo, chafurdar na lama;
Cara no vento, flauteando flores...
Na inocência..., não saber de amores...;
Não se queimar na perigosa chama...

Pular, correr, viver com desatino,
livre do pejo, dor..., ansiedade...
Não ter paixões..., jamais sentir saudade!
Curtir a vida simples de menino.

Pião na mão, caniço, baladeira...
Nunca pensar..., viver de brincadeira;
Nunca guardar rancores ou lembrança.

Desejo de esquecer esses teus olhos,
Que são na minha vida meus abrolhos...
Vontade de voltar a ser criança!

Pílulas de Sabedoria

O **RelevO** abre espaço para, mais uma vez, deixar seus leitores contribuírem com criativas e imprevisíveis palavras nessas páginas centrais. Que conselho você gostaria de deixar para as outras pessoas? Qual é a sua pílula de sabedoria favorita? Confira o resultado:



Quem não acredita em alma penada é porque não entendeu o espírito da coisa.

Massilon Ferreira da Silva
POÇO REDONDO, SE

Desconfie de quem vende respostas. A sabedoria de verdade mora nas perguntas que você não ousa fazer a si mesmo.

Iuri Victor Romero Machado
CURITIBA, PR

Seja medíocre. Esqueça essa besteira de ser o grande competidor, o líder, o mestre. Ninguém liga. Faça tudo “mais ou menos”, se poupe. Viva a cultura do “migué”!

Wagner Estácio
CAMBORIÚ, SC

Chata? Sim. Submissa, nunca. Se esperavam silêncio e sorriso, errei o roteiro — e com muito orgulho.

Lara Leal Felix Simões
SÃO PAULO, SP

Se felicidade virtual lhe cabe e veste bem, se ela é tudo que você tem, o que você fará quando precisar se despir?

Vanessa Lemos
SALVADOR, BA

“Exigimos demais E todos estão apenas vivendo Tentando Caminhando sem pensar tanto em nós como pensamos”

Paradisi
CRATO, CE

Enterra desassossego, quente molho... ...erreí!

Claudio Boczon
CURITIBA, PR

A quantidade de títulos não diminui o tamanho das orelhas.

Caio Teixeira
CURITIBA, PR

Não faça hoje o que você pode fazer amanhã. Amanhã pode ser que você não precise fazer.

Fernanda Prestes Carneiro
CURITIBA, PR

Quando estiver em dúvida sobre o que sente, lembre-se: não importa que alguém te queira muito, se não te quiser bem.

Isaza Villamil
UBERLÂNDIA, MG

A sabedoria mais útil é aquela que não vem do outro.

Alexandre Souza
UBERLÂNDIA, MG

Macacos não devem ser criados como animais de estimação em um apartamento. Você também precisa decidir se vai criar macacos ou ser um escultor de porcelana. Não há meio-termo.

Luis Felipe Mayorga
VILA VELHA, ES

Nunca peça para a pessoa se acalmar segundos antes de lhe dar uma notícia ruim. Isso só antecipará seu nervosismo em alguns segundos.

fernanda caleffi barbetta
OAKLAND, EUA

Sempre que achar um bar que tenha uma ficha de sinuca barata, compre – com moderação pra não falir o local– e guarde. O fato de você ter uma ficha de sinuca a qualquer momento te faz ser mais carismático e ajuda a puxar assunto.

Ângelo Menezes
GOIÂNIA, GO

Às vezes deus fecha uma porta, mas abre uma gaveta.

Betina
PORTO, PORTUGAL

A vida me deu limões, então eu fiz um bolo de cenoura. Essa sabedoria milenar, que de tão óbvia passa batida, é sobre se sentir bem antes de resolver o problema. Com o choque do B.O., a mente fica desnorteada, completamente incapaz de tomar uma decisão sensata. É nessa hora que você deve dirigir até a padaria, ou ir até a cozinha para bater o bolo. Depois de uma fatia generosa da iguaria mais reconfortante da culinária caseira brasileira, sua cabeça volta para o lugar e os limões, aí sim, são feitos limonada!

Beatriz Cagliari de Paula
CAMPINAS, SP

Aos que virão, o amanhã virou pássaros para o ontem.

Walisson Oliveira
BELO HORIZONTE, MG

O jornalista da redação não tá nem aí pra você! Pare de mandar sugestão de pauta.

Damaris Pedro
CURITIBA, PR

A literatura doença onde a língua cala.

Brenno Costa
RIO DE JANEIRO, RJ

Parar de perder é um tipo de vitória.

Sandra Vissotto
PETRÓPOLIS, RJ

Não seja um arrogante filho da puta, pois no final é terra na cara de todo mundo.

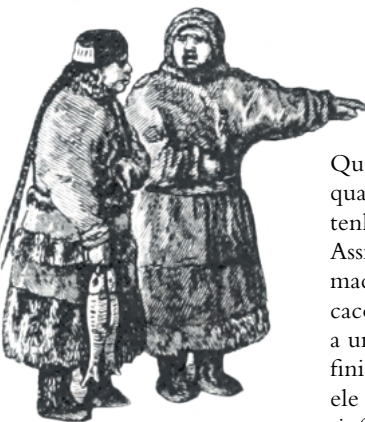
Bruno Binder
CURITIBA, PR

Mais vale um poema publicado no Brasil do que cinco voando na Europa.

Maximilian Rox
CURITIBA, PR

Faz xixi antes de sair, leva uma blusinha e põe o quanto és no mínimo que fazes.

Lena
PINDAMONHANGABA, SP



Não é nenhum pensamento revolucionário, mas eu acredito que o dogão de rua é o equivalente brasileiro do shawarma de madrugada. Uma vez que você percebe a sua função de alimentar os lericados das noites, não tem volta. Viva o dogão!

Bruna
CURITIBA, PR

Se a vida te der um limão Plante Comece uma grande plantação

Hugo Ferreira
MANAUS, AM

Leia antes de reclamar. Leia de novo. E leia mais.

Sabrina Dalbelo
PORTO ALEGRE, RS

Muitas vezes as narrativas que montamos em nossas cabeças não condizem com a realidade, e as pessoas não se encaixam nos papéis rígidos em que as colocamos.

Daniel Martins
RIO DE JANEIRO, RJ

Se não te oferecem algo melhor do que você já faz por si, não vale a pena — no amor, na amizade, no trabalho, em qualquer lugar.

Suellen Alves
FORTALEZA, CE

Qualquer um é capaz de qualquer coisa, desde que tenha o tempo necessário. Assim preconiza a teoria do macaco infinito, se um macaco estiver sentado frente a um piano por tempo infinito, em algum momento ele conseguirá tocar a nona sinfonia.

Thiago da Costa
SÃO APULO, SP

Pra quem não tem nada, metade é o dobro.

Silva
CAJAZEIRAS, PB





Esta pontada no peito não é um infarte. Na maioria das vezes, é só um peido indeciso. Porém, não é sábio desprezar a menor parte. Alimente-se bem, pratique atividades físicas, evite ser muito chato.

Lucas Lourenço
MARTINÓPOLIS, SP

Normalmente, quando damos um conselho, é para nós mesmos. Deveríamos prestar mais atenção para o conselho que damos para os outros.

Bruna
CURITIBA, PR

O sorteio da loteria no Brasil acontece no mínimo 52 vezes. Você pode se frustrar apostando na loteria no mínimo 52 vezes.

Barbra Eliza
CURITIBA, PR

Se a montanha vem até você, fuja: trata-se de uma avalanche.

Vagner Macha
SÃO PAULO, SP

Não desista! Na primeira chance de autossabotagem ou de-sânimo lembre-se de fazer por você e mais ninguém, se releia e entenda que o valor da escrita nem sempre é ser muito reconhecida.

Helena Merlo
BELO HORIZONTE, MG

Talvez ninguém tenha te falado como é crescer. Ninguém também me avisou. Mas como saber de algo que se passa pela primeira vez? Você nunca mais será criança. Nem nunca mais será adulto. Não tem uma forma pronta, você terá que saber como se faz. Tem dias que você sente tudo e tem dias que você não sente nada. Você se arrependerá de tanta coisa e se orgulhará de tantas outras. Você encontrará seu propósito, mas em muitos momentos você também estará perdido. Crescimento e conforto raramente andam juntos, mas não resista à mudança só porque ela não é familiar.

Arthur Luiz
MOSSORÓ - RN



Se pergunte com sinceridade: como uma pessoa como você, em suas condições de vida hoje, poderia agir para alcançar os sonhos que você quer alcançar se não acreditasse ser impossível? Apenas comece e não olhe para trás.

Zau Spínola
BRASÍLIA, DF

Seu chefe pode ser muito bacana, mas nunca se esqueça de que ele é seu chefe. Ele não vai esquecer.

Evellyn
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SP

SÓ HOJE: Compre meu e-book de conselhos quânticos e ganhe uma masterclass sobre frequências vibracionais e mindset cósmico. LINK NA BIO!

Fernanda R. de Carvalho
CURITIBA, PR

A certa altura da vida, a felicidade consiste em colher limões no quintal.

Fabiana Pacola
CAMPINAS, SP

A motivação é o último refúgio do carrasco

Daniel Monfrini
SÃO PAULO, SP

Quando sentir que não está motivado, pense na morte. Não na sua, mas na de quem está.

Daniel Monfrini
SÃO PAULO, SP

Em nossas relações, haverá palavras que jamais serão ditas ou escutadas. Haverá silêncios que permearão as interações humanas – silêncios que não são vazios de significado; pelo contrário, são cheios de emoções, pensamentos e entendimentos que não conseguimos traduzir em palavras.

Leandro Barbosa
SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE - PE

Hoje orgulho, amanhã bagulho!

Marcelo Ferreira Ribas
LONDRINA, PR

Ninguém se apaixona tão rápido quanto um narcisista, que precisa de um lugar para morar e alguém para explorar.

Walisson Oliveira
BELO HORIZONTE, MG

“O cu suspira, Fodido O amor penetrado Escondido”

Hal Paes
RIO DE JANEIRO, RJ

O otimista é um fatalista que não se reconhece como tal.

Bruno Greggio
GUARUJÁ, SP

Quando for puxar o tapete de alguém, verifique se seu pé não está no tapete (ou a bunda) ★ a parte da bunda fica a critério de vocês 😊

Fernanda Caleffi Barbetta
OAKLAND, EUA

Todo cu (i) dado É pouco.

Hal Paes
RIO DE JANEIRO, RJ



Pago. Não devo. Negarei quando puder.

Deslandi Torres
SÃO PAULO, SP

Se matar nunca é a solução! Melhor é ver seus inimigos morrerem antes. Caso o inimigo for você mesmo? Morra de velhice.

Miguel Moreno Espanha
BOTUCATU, SP



Às vezes, a gente precisa parar tudo e se perguntar: “será que está tudo bem?”. Se a resposta for “sim”, então beleza, segue o dia normalmente. Senão, tem que ver.

Bolívar Escobar
CURITIBA, PR

Uma coisa muito saudável pra se fazer é sempre guardar todos os sentimentos ruins dentro de si, bem lá no fundo. Assim as pessoas só vão conhecer seu lado bom, e SE um dia você explodir por conta disso, num ataque insano de fúria, tristeza e violência, você provavelmente vai explodir em quem merece mais, e nesses casos é só pensar como uma vingança divina, que deus colocou pra aquela pessoa através de você. Aí você não sente culpa.

Esaú Aroldo
FLORIANÓPOLIS, SC

Se você precisa muito do seu emprego e tem que fingir que gosta de trabalhar, chegando cedo e sendo pontual, mas também gosta muito de dormir gostoso e isso faz com que você ponha sempre seu celular no modo soneca e chegue constantemente atrasado no emprego por conta disso, o conselho de vida é: já durma com a roupa que você vai usar no trabalho no outro dia, assim você consegue ganhar uns 20 minutos de soneca a mais.

Bruno Greggio
GUARUJÁ, SP



Vendo *E* ouvindo coisas?



Já sabe: contato@jornalrelevo.com

Trench Coat

A relação entre guerra e moda é muitíssimo forte. Um dos exemplos mais clássicos da convergência entre esses dois campos cabe ao *trench coat*, aquele casaco belíssimo visto em pessoas elegantes no inverno. E em detetives sombrios, mas chegaremos lá.

O *trench coat* (casaco de trincheira, ao pé da letra) é facilmente reconhecido: um agasalho extenso, do tamanho de um sobretudo, com duas lapelas largas, botões e um cinto que afunila a cintura de quem o veste. Tradicionalmente na cor cáqui, hoje é produzido em outras colorações (entre as alternativas mais comuns, cinza e preto).

Inicialmente concebido no início do século passado pelas marcas Burberry e Aquascutum, ambas britânicas e ambas careiras, o *trench coat* nasceu como item opcional do Exército Britânico. Era uma alternativa mais leve em relação ao sobretudo. Seu tecido – a gabardina – havia sido inventado por Thomas Burberry no final do século 19. Na Primeira Guerra Mundial, já foi presença constante entre os soldados britânicos.

Impermeável e provido com vários bolsos e fivelas, caiu nas graças dos soldados, que não o abandonavam após voltar das batalhas. Durante a Segunda Guerra, estava estabelecido – outros países já haviam confeccionado seus *trench coats*.

Sua popularização entre civis se deu por meio do cinema. Humphrey Bogart em *Casablanca* (1942) e Peter Sellers nos filmes d'A Pantera Cor de Rosa popularizaram de vez o item, que na década de 1960 já caía no gosto de moderninhos em geral. Você pode comprar um *trench coat* igual ao de Bogart na própria Aquascutum por R\$4.715, por que não? Na Burberry, um modelo feminino está à venda por R\$ 14.540.

A essa altura, as telonas também já haviam solidificado o gênero *noir*: detetives alcoólatras, art déco, femmes fatales, traições perversas. Humphrey Bogart, sempre ele, havia auxiliado na montagem do arquétipo, vide as adaptações de *Falcão Maltês* (1941) e *The Big Sleep* (1946). Passado o tempo, o *trench coat* se consolidou como um clichê do *noir*. Basta equipá-lo com um fedora, um maço de cigarros e bastante mal-humor para você se pagar de Philip Marlowe por aí.



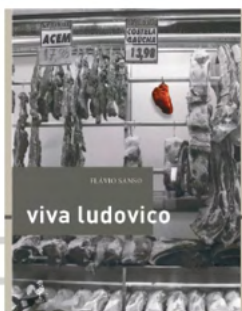
E N C L A V E

a newsletter do Jornal Relevo

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>



Ana Elisa Volpato Ortolano



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

A provocação crônica de Hilda Hilst

Vamo brincá de ficá bestando e fazê um cafuné no outro e sonhá que a gente enricô e fomos todos morar nos Alpes Suíços e tamo lá só enchendo a cara e só zoiando? Vamo brincá que o Brasil deu certo e que todo mundo tá mijando a céu aberto, num festival de povão e dotô? Vamo brincá que a peste passô, que o HIV foi bombardeado com beagacês, e que tá todo mundo de novo namorando? Vamo brincá de morrê, porque a gente não morre mais e tamo sentindo saudade até de adoecê? E há escola e comida pra todos e há dentes na boca das gentes e dentes a mais, até nos pentes? E que os humanos não comem mais os animais, e há leões lambendo os pés dos bebês e leas babás? E que a alma é de uma terceira matéria, uma quântica quimera, e alguém lá no céu descobriu que a gente não vai mais pro beleléu? E que não há mais carros, só asas e barcos, e que a poesia viceja e grassa como grama (como diz o abade), e é porreta ser poeta no Planeta? (“Tô só”, *Correio Popular*, 16 agosto de 1993).

Entre 1992 e 1995, Hilda Hilst publicou crônicas semanais no *Correio Popular* de Campinas, depois reunidas em *Cascos & Carícias* (1998). O título já indica o que há de radical nestes textos: seu poder de provocar reações paradoxais no leitor — tanto o espanto, a repulsa e o furor quanto o riso, o afago e a identificação. A crônica busca uma relação “de perto” com o leitor, nos diz Antonio Candido. Estas, em especial, funcionaram como um diálogo. Após publicada uma “provocação-crônica”, o jornal recebia dos leitores diversas “cartas-respostas” (das mais elogiosas às mais revoltadas), comentadas nas crônicas seguintes, e assim por diante:

Ando toda desvitalizada porque ninguém mais me trata mal. Só recebo cartas dizendo que sou um primor, uma rosa, uma orquídea rara, um Nobel, um Pégaso, até um jabuti, e toda vitimologia que construí com esmero, acuidade, pertinácia ao longo da vida, vai fenecendo como lebre arredia, famélica e assustada. Ah! Mandem de novo aquelas missivas tão graciosas e educadas me chamando

de louca, de velha lunática, de pinguça, de porca, fico tão excitada... (“Esqueceram de mim ou tô voltando”, *Correio Popular*, 17 de abril de 1994)

Estes textos não passavam despercebidos. Clamavam uma ação do leitor diante dos absurdos noticiados. Até porque a própria autora se apresenta como leitora do jornal, e fala sobre o impacto desta leitura em seu corpo: “Fiquei em estado catatônico. Ainda estou. Pausa longa”. E ainda: “...o teor da notícia lá em cima é insuportável e sinistro”. “Isso me deixa colérica”, escreve ela: “Atônita, afônica, enjoada, doente há vários dias”. Eram textos escritos por alguém revoltada diante da realidade e apaixonada diante da vida.

À distância, sentimos inveja de quem pôde ter esta mão — áspera e amiga — ao seu lado. Ler notícias é como tomar chá de boldo: você sabe que é importante, mas sabe também que a garganta irá arder e o estômago doer. Porque, como diria nossa autora, a crueldade de que o ser humano é capaz nunca deixa de nos espantar. Aprender a rir disso é aprender a rir da própria angústia. Hilst retoma a tradição do filósofo Demócrito, o “louco que ri” diante da miséria humana. O riso é, também, uma quebra de pacto com a ordem deste mundo (capitalista, individualista, moralista e hipócrita):

E eu sou o quê, hein? Ah! Não! Não venham me dizer que eu faço parte da raça humana... no cu, gaivota, sou não, sou gente não, posso até ser uma excrescência, mas sou gente não, sou do Quinteto do Pégaso, sou de Sirius, sou de Andrômeda, mas Não Mesmo Daqui. Não venham me dizer que todo mundo é igual. A rodela talvez, mas sou gente não (“Mentira, engodo, morte, hipocrisia”, *Correio Popular*, 17 de outubro de 1993).

Nestes textos, Hilda Hilst potencializou sua escrita humorística: um humor ácido, carregado de ironia, que satirizava os políticos e comentava questões espinhosas — como a velhice, a corrupção, a impunidade, o roubo da previdência, a desigualdade, entre tantas outras. Seu registro criativamente pornográfico invertia os valores e apontava a obscenidade da cena política e social. Ela é ao mesmo tempo profunda e rasa, afinal não há sentido elevado que não venha junto com uma baixeza. Em suas diatribes, aludia a grandes poetas e pensadores (compilando suas referências, nos perguntamos: como pode alguém ler tanto?), ao mesmo tempo que manejava um vocabulário popular riquíssimo, dominando diversos modos de nomear fatos de ordem sexual. É uma contradição viva, pulsante, intensa.

Convenhamos que os anos 1990 propiciaram uma ilustração para a tese da autora: o Brasil é a terra da pornocracia. Os poderosos (como Collor, com “aquilo roxo”) forneceram a ela um mar de metáforas escabrosas

que provam seu argumento: neste país, alguns poucos nascem para foder e muitos para serem fodidos, e em relação à gringa estamos sempre de pernas abertas, tudo na pior acepção do termos. Alguns podem fazer o que querem porque não haverá consequências. Seu modo de mostrar isso não é direto. Com uma linguagem debochada e escorregadia, ela diz algo e ao mesmo tempo seu contrário, tecendo nexos inesperados entre questões distantes, de modo a suspender certezas e produzir paradoxos. Sua língua é afiada, o suficiente para cortar ao meio qualquer expressão do óbvio. E em cada frase há um dedo apontado para quem a lê — “‘Tu quoque’, leitor, bom dia, solta a franga! A vida é uma armadilha” (p. 89); “Por favor, algum leitor mais informado me mande os dados de 1995. *I love numbers*. O fiofó do gigante ainda tá lá? E Revolução é com ‘c’ cedilha? Ebola é oxítone? Como é o ablativo em Tácito? Bom ukulelê” (p. 293); “Boa missa. E agora me batam, me chamem de bisco por dizer a verdade nesta crônica, esta, sim, escabrosa, ainda que não trate de cacetas” (p. 186); “Boa missa, leitor. Reza por ti. Pelo planeta. Por mim, se lhe sobrar tempo” (p. 194).

Zombando dos didatismos e de qualquer interpretação fácil, ela interroga: o que pode a poesia, o sarcasmo e a ironia diante da barbárie? Em que linguagem se deve abordá-la? E o que fazemos, nós, diante das palavras? Sua aposta parece ser: rir do Poder. Um riso baseado na possibilidade de brincar com as palavras, de reverter a moral predominante: o que te choca mais — o sexo e o corpo ou a violência dos poderosos? Ela, que sempre reclamou da pouca leitura de sua obra, traça aqui uma nova estratégia: se o que a indústria cultural quer é pornografia, farei uma pornografia que demande leituras, tão profundas como de qualquer obra canônica.

Ela nunca aceitou ser um passatempo: fez crônicas porque precisava de dinheiro, mas a leveza nunca foi seu forte. O martelo de Nietzsche, dizem, era seu instrumento: não sobra pedra sobre pedra, seja da moral e dos bons costumes, seja do deus que tá na praça (e na boca de quem comete as piores atrocidades), seja da gramática ou dos banqueiros, editores e políticos. Digam o que quiser, nossa autora nunca foi intocável: ela queria mesmo era atingir e ser atingida, viver segundo uma ética singular e não poupar ninguém, nem a si mesma.

Uma das coisas que mais me chateiam nisso de escrever crônicas é a quase obrigação de ser sempre pra cima, vivaz, alegrinha, ou então estar sempre em dia, na crista, notícias cintilantes... Ser sempre interessante como se todos fossem inteligentíssimos, profundos, finos, cultos, delicados... E se eu quiser falar do tempo do foda-se, da estupidez que grassa desmedida no país, do costumeiro engodo dos políticos em relação ao povo, se eu quiser perguntar sem parar, por exemplo, onde é que estão aqueles canalhas que roubaram

bilhões e bilhões da Previdência, onde é que eles estão, hem? Estão nas suas celas, com seus bidês de ouro, jogando bilboquê com suas bolotas de diamante? (...) E o que é essa baboseira de nos empurrarem goela abaixo que toda polícia do mundo não encontra o senhor PC? Mas o que é? O homem é feito de matéria quântica? De neutrinos? (...) E vocês acham que alguém prende alguém que expele o verdinho por todos os buracos? Ah, como é bom ser rico, gordo e invisível! Ando cada vez mais pobre, mais magra e mais visível. Acho que todos nós (“O arquiteto dessas armadilhas”, *Correio Popular*, 4 de outubro de 1993).

É preciso que se diga: como seu teatro, suas crônicas refutam qualquer leitura de sua obra que não leve em conta a crítica social. Sim, sua grande questão é o vazio existencial (por que estamos aqui? O que fazemos com o fato de ser o desejo infinito e o corpo finito?). Mas seu recolhimento na casa do Sol não é ostracismo: é de alguém que dedicou a vida a escrever sobre o desamparo de estar vivo neste mundo hostil (e que se propôs a devolver na mesma moeda). É a escrita de alguém tão vivo a ponto de ser vários: a que escreve poesia erudita e prosa pornográfica, que era a santa e levantava a saia, que era a puta e uma deusa grega, bicho e gente. Que escrevia metafísica sem esquecer do seu dedão do pé.

O que faria Hilda Hilst hoje? O que diria do Brasil e do mundo em 2025? Fico imaginando que seu poema “O reizinho gay”, que fala deste “rei” com a sua “bronha” gigante, foi uma premonição do nosso imbrochável e do *great homem laranja of America*. E seja em 1990 ou agora, “a palavra continua necessária diante do absurdo”. Ela é uma leitura recomendável para aqueles que, como Fernando Pessoa, estão fartos de semideuses: é suja, grotesca, grosseira, arrogante, imperdoável, como a poucas mulheres foi permitido ser. Uma das únicas autoras malditas do Brasil de outrora: estampou os dizeres encerrados em quatro paredes (aquilo que só se diz às putas e aos psicólogos) nas folhas dos jornais. Ela te pergunta, insistentemente: você tem coragem de me ler? Cuidado para não tropeçar em si mesmo. Fica o convite: de ousadia e de literatura, ela entende.

Minha vontade é a de colocar cada vez mais poesia neste meu espaço, para encher de beleza e de justa ferocidade o coração do outro, do outro que é você, leitor. Porque tudo o que me vem às mãos através dos jornais, tudo o que me vem aos olhos através da televisão, tudo o que me vem aos ouvidos através do rádio é tão pré-apocalipse, tão pútrido, tão devastador que fico me perguntando: por que ainda insistimos em colocar palavras nas páginas em branco? (“In dog we trust ou Mundo-cão do truste”, *Correio Popular*, 25 de junho de 1994).



Cesar de Mello Campos, em *Pela fresta te vi - Relatos em dois tempos*, entrega um livro de contos que oferece ao leitor uma jornada literária de rara profundidade. Estruturado em duas partes que dialogam entre si, o livro traça um painel multifacetado da experiência humana, revelando as vozes íntimas de personagens que oscilam entre a força e a fragilidade, a memória e o esquecimento, o silêncio e a palavra.

Com uma escrita marcada por ritmos fluídos e uma prosa muito autêntica, no entanto, poética, o autor constrói um universo onde o banal se transforma em transcendência, e os detalhes cotidianos tornam-se fragmentos de uma realidade maior.

Se você gosta de livros que retratam a densidade psicológica humana... Este é o livro!

Já à venda na @Amazon:
<https://a.co/d/9CDPAw3>

Para adquirir o livro impresso, envie um e-mail para:
cesardemellocampos@hotmail.com



Nunca mais cheiro cocaína

...

joguei

fui inconsequente

joguei na latrina

minha promissora carreira

como gogo boy

de festas clandestinas

em conventos

...

Eu nunca mais cheiro cocaína, disse Ana, travada trincando os dentes enquanto abria mais uma cerveja artesanal feita pelo seu avô descendente de alemão. Arthur, que estava chapado de maconha, olhou para Ana e, depois de uma longa pausa de 5 segundos, perguntou se ainda tinha macarrão instantâneo no armário, ou marshmallows, xilito, pêssegos em conservas, jujuba, açúcar mais caro, uva passa, feijão congelado em pote de sorvete, rapadura de castanha, pão de queijo, batata palha, chocolate vencido, sardinha, farofa temperada, ovo de codorna, biscoito recheado, bolacha de água e sal, mortadela, maionese vegana, manga, caldo de cana, barrinha de cereal, granola, buchada de bode, leite condensado, ou qualquer coisa para ele comer pois ele estava começando a sentir que em breve um buraco negro iria se abrir na sua barriga dando início ao ciclo da larica conhecida por todas as pessoas que um dia já fumaram maconha alguma vez na vida. Ana disse para que ele não se preocupasse com a larica, pois ela havia encomendado uma senhora broca no buffet da sua prima microempreen-

dedora individual: um kit festa com 200 salgadinhos variados entre mini coxinhas, mini pastéis de vários sabores, inclusive de vento, mini empadinhas, canudinhos, 100 docinhos entre brigadeiros e beijinhos e paçoquinhas, um bolo de cenoura com cobertura de chocolate e dois litros de refrigerante de uva, mas que ele só laticaria depois que ele a fizesse tremer as pernas com múltiplos orgasmos porque ela estava demasiadamente elétrica depois do último teco na branquinha. Arthur ficou excitado com a proposta, mas logo começou a rir descontroladamente, pois o jeito com que Ana estava olhando para ele com os olhos arregalados e falando com tiques na boca o fizera lembrar da Narcisa, e começou a repetir, espalhafatosamente enquanto ria, o bordão da socialite: “ai que loucura! ai que loucura!”. Ana disse que Arthur estava muito lombrado e que aquele comentário tinha sido extremamente desnecessário, quase depreciativo, e que esse tipo de comentário era sintoma de uma sociedade machista e patriarcal que coloca as mulheres em posições históricas e que ele havia perdido a oportunidade de tomar o chá de buceta do século e que só iria sentar na sua cara depois que ele se redimisse citando ao menos três frases da Simone Beauvoir com os olhos zarolhos como se fosse um cosplay de Jean-Paul Sartre, mas sem dizer que “o inferno são os outros” porque ela não queria bads existencialistas entre quatro paredes. Arthur disse que Ana estava militando à toa, pois ele era um esquerdomacho aplicado, feminista raiz, tocava violão, tinha um chaveiro da Hello Kitty, assistiu o filme da Barbie, postava hashtag contra o patriarcado e usava calcinha fio dental uma vez por semana para ativar o arquétipo

feminino e meditar ouvindo podcasts sobre o livro *Mulheres que correm com os lobos*, mas que nunca tinha lido Simone Beauvoir e, mesmo que tivesse lido, não tinha lugar de fala. Além do mais, continuou Arthur, o seu comentário não teve essa intenção depreciativa, foi apenas um *insight*, uma associação livre, e que se ela quisesse poderia se vingar de outra forma e não punindo-o e privando-o de deliciar-se com os meios seus, transformando aquela zorra num seminário acadêmico, ou numa versão demodê aristofânica de *A greve dos sexos*. Ana disse que Arthur era muito prolixo e que ela tinha sido debochada, mas, como tava cheirada, parecia que estava falando sério, então gritou histericamente. Arthur ficou atônito e riu descontrolado. Ana disse que ia fazer a linha Freud, preparou uma carreirinha e deu mais um teco. Arthur disse que Ana não podia tratar o Pai da Psicanálise assim, tão pejorativamente, que ele era um homem respeitado nos altos círculos que investigam o desenvolvimento do pensamento humano, e mais, o último romancista da burguesia. Ana disse que se foda! Arthur pegou um abacaxi, colocou na cabeça e disse que queria mamar, cantarolando como se fosse Carmen Miranda. Ana fez cara de paisagem blasé, saturada de tropicalismos, e disse que não era uma vaca, apenas profana.

Psicopatológica

Arthur perguntou se Ana havia ficado chateada com a brincadeira e pediu que ela relevasse e fosse um pouco mais esportiva, que não era pra tanto e que havia preparado uma surpresa para aquela noite. Ana revirou os olhos e disse que, apesar do tesão que

estava sentindo, ela ia fazer joguinhos de desinteresse para Arthur aprender a agarrar as oportunidades quando elas se mostrassem favoráveis e não que ficasse de piadinha valendo-se da sua síndrome de palhacinho, pois ela era balbúrdia, não bagunça. Arthur atirou-se no chão e começou a gritar palavras desconexas como se estivesse orando em línguas e depois ficou de quatro como se fosse um leão indomável e começou a rugir. Ana correu até a cozinha e, como se fosse uma assistente de palco de mágico, trocou de roupa numa velocidade estonteante vestindo a sua fantasia de Tiazinha vintage anos 1990, pegou um cabo de vassoura e um chicote e, fingindo que era uma domadora de leões de circo mambembe, colocou Arthur para lambem seus pezinhos. Arthur chupou o dedão do pé da Ana e ela começou a dar umas risadinhas pedindo para que ele mordesse também porque ela gostava de mordidinhas no pé e que ele poderia ser cruel e carinhoso ao mesmo tempo. Arthur fez exatamente o que Ana pediu e mordeu o seu mindinho com tanta força, enquanto lhe fazia carinho nas coxas e na bunda, que quase arrancou o dedinho fora e sentiu o gosto de sangue escorrendo na boca. Ana gritou escandalosamente num misto de prazer e dor e, num reflexo instintivo, quebrou a garrafa de cerveja na cabeça do Arthur abrindo-lhe uma rachadura na moleira salpicando sangue na sua cara. Arthur continuou lambendo as pernas da Ana como se nada tivesse acontecido, pois o tesão era tanto que era impossível sucumbir a um traumatismo craniano àquela altura em pleno prólogo da foda selvagem e cravou as unhas na bunda de Ana beliscando-a enquanto ela gemia como uma loba no cio e

tirava os pequenos cacos de vidro que haviam ficado pendurados no cabelo de Arthur. Enquanto Arthur chupava loucamente Ana, ela se contorcia de prazer e tentava colar, com cola Super Bonder, a moleira de Arthur. Ana gritava e gemia de prazer e preocupação enquanto Arthur a lambia vagarosamente e masturbava a si próprio numa velocidade de uma britadeira, pois a pancada na cabeça havia afetado a sua coordenação motora.

Gozaram feericamente.

Eletrificados, pós-coito selvagem, largados no chão, como se tivessem alcançado o nirvana da quinta dimensão, Ana disse que amava Arthur e que agora ele poderia laricar o kit festa merecidamente, pois ela estava satisfeita, desfalecida, libidinada, e que ela poderia jurar que nunca, em toda a sua vida, tinha sentido tanto prazer, que, por um instante, ela se sentiu como se fosse a própria Afrodite encarnada. Arthur estava imóvel, balbuciou alguma coisa como *i love you*, mas as palavras estavam embo-ladas, era difícil decifrar, Arthur não estava totalmente consciente. Ana perguntou se Arthur queria comer agora. Arthur não respondeu. Ana insistiu. Arthur não reagiu. Ana disse que iria ligar para o SAMU. Arthur levantou de supetão milagrosamente como se tivesse recebido um passe de cura de algum espírito mestre ascensionado, já que não gostava de hospitais, então reagiu, porém não conseguia falar português, somente a língua do “P”. Ana colocou o pacote do kit festa sobre a mesa, depois foi para o banheiro chorar ouvindo Lana Del Rey enquanto dizia pra si mesma: nunca mais cheiro cocaína. Arthur, aturdido, desembulhou o pacote do kit festa pacientemente e com uma empadinha na mão disse, apaixonado, apagoporapa simpim, fipinalpalmenpentepe, popossopo laparipicarpar empem papaz, copo-mopo genpentepe.





Lúcia Nascimento

Laura

Os ovos caem da mão de Laura. Não um a um, de modo que talvez ainda fosse possível salvar algum deles, mas todos ao mesmo tempo. Como grãos de areia ou gotas d'água, eles escorrem entre os dedos da menina, sujam seus pés descalços, caem na rua de terra batida.

Foi a felicidade, talvez. Os passos um pouco mais rápidos do que o costume de suas pernas de criança. Ou foi por olhar para cima, para a copa das árvores. Aquele colorido de flores nascendo. Ou o caminho diferente, uma rua por onde não costumava passar. Quatro ovos.

Nenhum ovo.

Ela agora olha para o chão e seria exagero dizer que chora. Os olhos arregalados. O corpo magro e estático. Contempla a impossibilidade. Como explicaria aquilo à mãe? Os irmãos menores aos gritos, o bebê chorando. Ela chegaria e diria “mãe, deixei os ovos todos caírem”?

Laura olha para o chão. As claras dos ovos quebrados se misturam à terra em uma gosma. Ela encurva a coluna, estende o braço e passa os dedos ao redor daquele material quase transparente, grudento, como se circulasse o perímetro da própria tristeza. As gemas ainda firmes, em formato circular, três delas. A quarta, um pouco mais disforme, mas ainda gema.

É um impulso o que a faz sentar. Rápida, sem sinais de que faria qualquer movimento. Para que ninguém veja seu desespero, ela se senta em cima das gemas. As pernas lambuzadas de ovos e cascas. As pernas grudando, cheias de ovos e cascas. Os dedos com a gosma toda dos ovos ainda neles. Leva um dos dedos à boca. Lambe.

“Não fica contando pra todo mundo o que acontece dentro de casa, ein, menina!”

Uma das frases que a mãe, Clarice, costuma repetir todos os dias. “E vai logo que, se não correr, vai chegar atrasada na escola.”

Laura às vezes sente inveja das colegas de turma. As mães delas contam tantas histórias, Laura também queria ganhar histórias da mãe antes de dormir, na hora do almoço, quem sabe até ao acordar. “Ontem minha mãe falou que o carteiro roubou umas cartas que eram pra ter chegado lá em casa. Aí fiquei pensando se ele vende as cartas. Será que ele vende as cartas que não entrega?” “Ah, isso não é nada, minha mãe disse que ela já viajou de avião, e que um dia eu e ela e meu irmão também vamos viajar os três juntos de avião. Isso sim vai ser história.” “E você, Laura? Quais são as histórias que a tua mãe te conta?”

Laura está sentada em cima dos ovos, com as pernas cruzadas, uma em cima da outra. Pessoas passam andando rápido ao seu lado, aquelas roupas de quem vai trabalhar, os passos apressados para não perder o ônibus. Com as mãos, ela esfrega a sola preta dos pés.

Quando a mãe contou da encomenda, um bolo de aniversário, Laura sorriu mostrando todos os dentes. Eram do caderno dela as folhas onde escreveu “aceitamos encomendas de bolo”. A frase ditada pela mãe, a canetinha verde na mão, a letra cursiva. Quando colava a folha na porta de casa, no muro ao lado da porta de casa, ela ainda comentou que achava estranha aquela frase, “aceitamos encomendas de bolos”, porque parecia que eram os bolos que fariam as encomendas. A mãe se limitou a dizer um “Laura, não arranja problema pra gente, todo mundo vai entender” e orientou: “mais pra esquerda. Um pouquinho pra cima. Pronto, pode colar”.

Demorou, a primeira encomenda. As vizinhas por muito tempo passavam ali na frente da casa e cochichavam baixinho que “duvido que a Clarice sabe fazer bolo bom”, “eu também nunca comi bolo dela, não sei, não”. As receitas aprendidas com a avó de Laura, a mãe ainda uma menina. “Tua avó era uma boleira de mão cheia. Nunca gostei muito de fazer, mas aprendi, né? Depois que tiver vendido alguns, faço um inteiro só pra gente.” Foi uma mulher nova por ali, a Sandra, quem perguntou se bolo de chocolate com cobertura colorida ela fazia, que o filho ia completar sete anos e ela tinha acabado de arranjar um emprego e não ia dar tempo de preparar nada. Clarice pediu um adiantamento baixo, só para confirmar o pedido. Não disse que aquele era o dinheiro dos ovos, porque o resto tinha ainda um pouco em casa.

O sol se movimenta pelo céu e agora está a pino. Laura está há horas sentada no chão de terra batida, em cima dos ovos quebrados. Seu estômago faz barulho. Ela transpira. As dobras de seus braços e de suas pernas acumulam gotas de suor que escorrem. Ela ainda está sentada em cima dos ovos quando reconhece a voz da mãe. Olha para cima. Demora para entender o que a mãe fala.

Convidou todas as colegas da escola para a festa de seu aniversário de 12 anos. Durante as noites, as duas sentadas nas cadeiras da mesa da cozinha, ela e a mãe preparando os convites. As folhas arrancadas do caderno, recortadas em tamanhos iguais, as canetinhas coloridas e cada convite de uma cor diferente. Dia, hora, local, uma estrelinha em cada um deles. E os recortes depois dobrados ao meio, “meu aniversário” escrito na frente.

Laura quer pedir antes, mas só quando já estão quase acabando de fazer os convites, um montinho deles empilhado na mesa, é que ela pergunta para a mãe. “Do que você brincava quando era criança, mãe?” A mulher olha desconfiada, parece não entender a pergunta. “Ai, Laura, já

faz tanto tempo.” A menina insiste, repete duas ou três vezes o pedido de “conta, vai”. No começo, a mulher não fala muito, Laura é quem fala mais, enche a mãe de perguntas. Mas depois a mulher começa a falar, as respostas mais longas, os detalhes. Laura imagina a mãe, menor do que ela, no quintal da casa da avó, voltando suja de terra para dentro de casa todos os fins de tarde, os brinquedos que ela montava com caixas antigas, com roupas velhas recortadas e costuradas pra servirem na boneca de pano que tinha. A mãe interrompe. “Agora chega, Laura, já tá tarde. Vai dormir, que amanhã tem que acordar cedo.” “Tá bom, mãe, mas posso contar essas histórias pras minhas amigas amanhã? E dizer que o meu bolo vai ser de estrela?” Clarice ri um pouco mais alto do que gostaria. “Vai, Laura. Pra cama. Dorme, filha.” A menina então se levanta. Segura rente ao corpo, com as duas mãos, as folhas com os convites feitos pelas duas. No quarto, sem ligar as luzes para não acordar os irmãos, ela abre a mochila, que fica ao lado de sua cama. Coloca todos os convites dentro. Joga o corpo na cama, mas logo levanta de novo. Vai até a mochila. Pega um dos cadernos. Uma caneta. Franze a testa e força os olhos na tentativa de começar a enxergar logo aquilo tudo que é mais difícil de ver no escuro. Abre o caderno e encontra uma folha em branco. Um dia vai contar essas histórias para alguém, a mãe vai ver.



**BONS
VENTOS
trazem
BOAS
LEITURAS**



EDITORAMOINHOS
.COM.BR

IG EDITORAMOINHOS



A deposição das armas

Novo livro de
Pedro Gonzaga



Depor as armas, aqui, é tentar olhar para o campo de batalha poética em um momento de serenidade, reduzindo a máquina de guerra (técnicas e temas) a um caráter de estudo: os 57 poemas do livro, compostos em dísticos — estrofes de dois versos, há séculos base de criação poética nas mais variadas culturas humanas.



istoedicoes.com.br

Livros disponíveis online na Amazon e no site da editora

ISTO EDIÇÕES PUBLICOU:



A destruição ou o amor, de Vicente Aleixandre

Nesta obra o autor atingiu a maturidade total do seu estilo poético, com uma escrita complexa e original marcada pelo surrealismo.

Publicado na Espanha em 1935, é o principal livro da primeira fase do poeta, que é um dos expoentes da chamada Geração de 27 e ganhador do Nobel de Literatura em 1977.

Com tradução de Pedro Gonzaga, em edição bilíngue.





Davi Koteck

Fragmento inédito do romance iogurte pasteurizado sob o sol dos trópicos

1.

Havia muitos furos no sumiço do meu tio. Meus 17 anos e o engarrafamento natural de perguntas, gotículas de hormônios e suor azedo, o calendário maia, as circunstâncias em que ele se foi: fotos mordidas, poemas que eu não entendia, um isqueiro retangular e sem fluido no fundo da gaveta. Retalhos do que encontrei durante os meses que se sucederam a sua partida, as férias de verão — a primeira que não fomos ao Cassino — e o vestibular. Mais importante ainda, a relação que construímos antes disso, durante aquele ano, o fato de que eu não soubesse nada, enquanto pensava saber tudo, dos seus planos seguintes.

Tu não pode te inscrever na faculdade, guri.

Fala baixo. A mãe te mata se escutar.

Diz pra ela que tu te inscreveu. Depois a gente dá um jeito.

Uma horta de sobrevivência fazia parte do planejamento.

Ele falava de permacultura e utilitarismo. Plantar nossa própria comida no quintal da casa da praia, às vezes roubar as galinhas dos vizinhos, me ensinaria, a longo prazo, a torcer o pescoço delas e a drenar o sangue. Manteríamos os gatos elétricos pra iluminação. Também não precisava de muito, ele ressaltava, só uma ideia e os soldados de execução, e era um paradoxo eu gostar tanto de executar tarefas imaginárias.

Posso dizer, acho, que tu acompanhou boa parte disso também. Os limites, ao menos as tentativas de impor. Eu só dizia que sim quando tu questionava se confiaria meu futuro num louco. Me incomodava um pouco te ouvir chamando ele assim, e isso não é uma forma de negar a realidade, talvez uma tentativa inócua de admitir o espelho, preservar nossos defeitos, um orgulho derrotista. Claro que na época não entendia tudo tão traduzido. Não sei nem se cheguei a acreditar nesse futuro, ele se rompeu antes da idealização, inclusive. Que bom.

E foi um ano estranho desde o início. Eu tinha que escolher uma profissão. Eu, todo mundo, um projeto de quatro anos na incubadora de uma carreira, fazer escolhas, esperar que elas se fizessem sozinhas. Não que adiantasse coisa alguma, o cortejo da educação universitária, a promessa de limpar o cu com papel higiênico

folha dupla e dirigir um carro quatro portas. Sempre foi o sonho do pai, um carro que não precisasse abrir por dentro. Pra isso tem que se formar, aquele discurso mais do mesmo, exceto do tio, como tu sabe. Aliás a discussão começava sempre que tu chegava, ele gostava de discordar da tua opinião, os cigarros contados, um debate não pode durar mais do que cinco cigarros, dizia massarocando os dedos no farelo do cinzeiro. Depois a mão dele deixava impressões digitais por toda a mesa de vidro e a gente brincava de João e Maria com as migalhas das cinzas, um cheiro de neblina suja pela casa. Não raras vezes pesquisamos estatísticas que defendessem a virtude do ensino superior, uma vida segura, ao menos matematicamente comprovada, ao passo que ele vertia os números em pura abstração. Com palavras, quem acreditava em números?

Então mais perto do vestibular as viagens cada vez menos recorrentes pro Cassino, o desconforto do banco de trás, a mão suada no Puta Merda, e o que salta à memória é tu em fuga, todas as vezes, a irmã adotada caindo pela porta do carro, na entrada da praia, desgrudando a carne e o rio de sangue do asfalto. Não existe culpa, desejo, é só o filme da imaginação: eu era a câmera, e quando imaginava tu caindo, eu estava fora do carro também. E aí o quebra-molas, o primeiro terremoto, o cheiro de pele de peixe grudada na faca, o tremor dos ventiladores de chão. Tudo ao mesmo tempo e impensável, o alívio de soltar o Puta Merda e sentir os dedos com câibra significava que era o fim da viagem e o início, só o início da maior praia do mundo. O gostinho de nunca mais.

O pior foi que o mundo nem acabou. Fiquei esperando, a contagem regressiva e o filme que assistimos de trás pra frente. Era verão, e no verão eu começava a degustar a ferrugem do fundo das latas de ceva, uma tonturinha com a sensação de que só podia me apoiar em ti, se acabasse mesmo.

Do dia em que ele foi embora eu lembrava quase nada, além da necessidade de falar. Falar qualquer coisa, pra qualquer pessoa, um refluxo de alfabeto, todo um discurso constipado. E olha que coincidência, não era tu no carro comigo? O teu sangue em conta-gotas nas varizes do pára-brisa. Agora é mais fácil de lembrar, ele voltou.

Com uma herança, acredita?

Um futuro, ainda que torto e impossível.

2.

Antes de sumir, o tio morou com a gente por uns oito ou nove meses. Uma época estranha entre o início da adolescência e a sua concretização, aquele período em que a privacidade era a melhor e a pior coisa do mundo.

Ele chegou com a mochila rasgada e dormiu por uma semana num colchão no piso da cozinha, mesmo com o quarto da empregada à disposição.

Mesmo preço que o quarto, tio.

E ele sorriu com a garganta fechada.

De vez em quando eu sentia o cheiro de cigarro com maconha entrando pela fresta da porta e minha barriga formigava antes de dormir. Eu, tu e ele assistindo nas sextas a um programa de conhecimento geral que passava na tevê aberta quase de madrugada. Lembra disso? Ele acertava as perguntas absurdas de geografia, soltando uma risadinha ligeira quando eu o acusava de trapacear. A mãe, sempre no último bloco de comerciais, desligava as luzes da sala e a gente entendia o recado.

Aqueles meses pareciam férias prolongadas, todo final de dia tinha uma novidade. Nunca soube o motivo de ele morar com a gente e nem de ir embora. Foi nesse meio-tempo que minha avó parou de nos visitar.

Ele tinha o hábito de segurar o cigarro no espacinho entre os dentes. Fazia isso quando estava bem-humorado ou depois de caminhar por mais de uma hora no bairro. Escutava música sempre no volume máximo do rádio e desligava quando meus pais chegavam em casa. Gostava de ouvir Beto Guedes e Bob Marley, a depender do dia. Imitava, quando acreditava estar sozinho, o Ian Curtis e a dancinha epilética.

Nessa época criamos a brincadeira de nos comunicarmos por recados escondidos pela casa. Uma vez, quando minha mãe me pôs de castigo por não lavar a louça, ele começou a empilhar pratos sujos na entrada do meu quarto. Fazia isso e soltava uma gargalhada violenta. Quando ficou uma semana sem sair do quarto, escrevi 'Tuvalu' no espelho do banheiro que compartilhamos. Era o nome do país mais escondido do mundo, uma das respostas que ele acertou no programa de sexta.

Quando tinha seis ou sete anos fui a uma competição de salto aquático na piscina principal de um clube bagaceiro de Porto Alegre. Os participantes pareciam pássaros bêbados e eu me assustava com o barulho da queda na água. O ginásio tinha um aspecto decadente e aquele cheiro inosso de vestiário masculino. Era o tio quem me levava para esses lugares: eu gostava de colecionar ingressos e bilhetes de estacionamento do que fazíamos juntos. Eu ia na garupa de uma moto que parecia de brinquedo e nunca me segurava na cintura dele, por mais que mor-

Museu do Livro Esquecido

Museu e gabinete de leitura para a história do livro



Exposição "A solidão e a escrita: pioneiras", até 25/05;
Christine de Pizan, Teresa Margarida da Silva e Orta e
Carolina Maria de Jesus; livros raros, casa histórica e reflexão.

Contato

Rua Santa Luzia, 31, Sé/Liberdade, São Paulo - SP, 01513-030

(11) 91853-6231

museudolivroesquecido@gmail.com





resse de medo de cair. Quando estava comigo, ele tinha o hábito de dirigir sempre entre as duas faixas, como se não conseguisse nunca tomar uma decisão. Uma das imagens mais nítidas que tenho é a cara de espanto que fazíamos, em sincronia, quando aqueles homens saltavam. Ele retorcia a sobancelha igual a um vilão de desenho animado — eu tentava imitar, mas começava a rir — toda vez que a piscina ressoava como um tapa.

Uns meses antes de ir embora e não voltar mais, o tio me levou escondido para andar de moto outra vez. O capacete do passageiro era menor, rosa e com adesivos da Hello Kitty. Era terça ou quarta, um desses dias vazios durante a tarde, mas com um trânsito afogado nas avenidas principais. Ele pegou atalhos por ruas que pareciam nem existir, chão de pedra e sem placas de sinalização. Cada vez que a gente passava por uma cratera a moto dava a impressão que ia desmanchar.

Estacionamos num canteiro irregular, bem em frente a uma pichação prenunciando o fim do mundo, data agendada, de acordo com a internet, para o fim daquele ano. O calendário Maia começa aqui, em letra de forma. Ele desceu da moto e ficou uns segundos encarando a caligrafia de tinta. Subimos o início do Morro do Osso a pé. Ele andava com uma bermuda manchada de clorofila, com um caderno amassado para fora do bolso de trás. Se Porto Alegre tivesse um letreiro, estaria mais ou menos aqui, me disse, ofegante. A vista do topo era vertiginosa, mas também dava a sensação de que seria afudê se pudesse sair voando. Essa foi a primeira vez que ele acendeu um baseado e me passou, numa espécie de tradição de família. Senti minha cabeça descer um degrau na percepção e tive medo de perder o controle e cair nas ruínas de rochas e restos de macumba.

O que se enxergava era uma síntese da cidade, mas não do jeito que eu costumava ver: o Guaíba manchado de ferrugem, simulando uma poça de chuva infinita prestes a derreter; prédios não planejados que roubavam a vista de prédios planejados. Foi a primeira vez que, ao olhar pra cima, percebi as nuvens como intermediárias. Então tinha mais espaço ainda no topo do céu.

Fiquei observando ele escrever no caderninho. Tinha uma naturalidade cotidiana em pensar o beque no arco da boca enquanto anotava sei lá o quê bem concentrado, como um jornalista em um campo de guerra. Não me aproximei, eu associava o ato dele escrever com uma espécie de segredo cósmico, algo como invadir os pensamentos de outra pessoa.

Eu venho aqui desde a tua idade, ele me disse quebrando o contrato de silêncio. Gostava de matar aula sentado naquela rocha, guri. Olha as pessoinhas lá embaixo, eu adorava ler *As Viagens de Gulliver* aqui. Já leu? Vou te emprestar. Adorava ler esse livro e imaginar que eu era aquele gigante capturado. Eu sentia as formigas na perna e imaginava os homenzinhos me prendendo.

Nunca li.

Tu não gosta de ler?

Eu gosto da ideia de ler, mas tenho preguiça.

Bah. Isso vai ter que mudar.

Eu acho que vai.

Tô dizendo que é importante pro que a gente veio fazer aqui.

Por que tu me trouxe aqui então?

Aqui ficam os meus segredos. Existem coisas que aconteceram e que vão acontecer que tu precisa saber.

Que coisas?

Coisas.

Minhas? Quer dizer, comigo?

Contigo. Comigo. Com a família.

Por que eu?

Porque sim.

Tem algum motivo?

Tu é parecido comigo.

No quê?

Quer dizer, tu ainda não é, mas vai ser.

Vou?

Vai.

No quê?

Que pergunta idiota.

Por que agora então?

Tem gente que herda dinheiro, guri.

Hm.

Esse não é o teu caso.

Apesar de sombrio, eu não conseguia sentir medo dele e nem da situação. Foi o início de tudo, se for posicionar em cronologia, uma coisa que resulta na outra e tudo é um pouco resultado de algo que veio antes, bem antes. Fomos para o outro lado do morro. O granulado das árvores começou a esconder o sol. Eu seguia sem pestanejar a marca dos chinelos dele pelo chão batido, porque junto das picadas de mosquito e da estranheza de não entender, também formigava uma nesga de curiosidade. Passamos por uma rocha cheia de pichações que ele chamou de Pé de Deus. A vista era ainda mais impressionante: mansões sendo construídas em lugares potencialmente proibidos e nuvens escondendo o céu. Pensei, sem saber o motivo, que pessoas iam lá para se atirar.

Ele falou de um cemitério indígena que diziam ser mais ou menos nessa altura do morro. Que a existência disso desencadeou numa disputa de posse por parte do terreno entre indígenas e construtoras. Por isso a terra nessa parte do morro era mais cinza, como uma unha invadida por fungos.

Quer dizer que a gente tá pisando em gente morta? Tipo isso.

Esse dicionário monossilábico não me impressionava, o tio não soltava muitas palavras além do mínimo para a primeira camada de entendimento. Eu me sentia bem com o pouco que ele dizia, cada palavra era uma palavra inédita, ao menos pronunciada na voz dele.

Quando chegamos numa espécie de bifurcação, um tronco calvo e transversal separando o resto do Morro em dois, ele disse que eu podia escolher o caminho. Não é óbvio que ele diria isso? E digo mais, não é óbvio que, considerando tudo que aconteceu depois, os dois caminhos levavam para o mesmo lugar?

O que se faz numa situação dessas é dar um passo tímido, claro, não calculado, a mesma coisa que fingir

tomar uma decisão. Eu queria parecer confiante, ao passo que também mal podia, naquela idade insalubre em que a gente é adulto sem ser adulto, escolher nem a hora das minhas refeições.

Quando entramos na bifurcação pelo lado que escolhi, o esquerdo, pensei que era uma entrada definitiva. Para o quê? Ainda não sabia, só a sensação de que a partir dali eu seria outro, minhas escolhas seriam outras, minha cabeça seria outra. E talvez tenha sido a maconha, aquela maconha de merda que o tio fumava, que fazia tudo amplificar, mas não tive o que se costumava chamar de pressentimento positivo.

Porque foi a primeira vez que ele falou sobre a faculdade comigo. O olho denso, meio bola de gude. A boca tremendo. A mão estancando o nariz molhado e gesticulando com o plasma de ranho. Ele apontava para os caminhos atrás de nós usando a metáfora da bifurcação, essa parte já autoexplicativa. Disse que algumas coisas na vida vêm definidas. Que não importam as nossas escolhas, algumas são só para atrasar.

Então tu prefere perder quatro anos, um curso de Direito. História, que seja. Tu prefere perder quatro anos com seminários e discussões de faz de conta sobre a teoria do caralho a quatro só pra cair no mesmo lugar? É que nem foder de camisinha ou beber cerveja sem álcool. Por medo de quê? Cirrose? O estômago vai acabar fodido do mesmo jeito.

Tu quer dizer que as coisas são definidas, tipo destino?

Não. Tu ainda não entendeu, ele disse com o olhar lacônico. Não são todas as coisas, guri, são as tuas coisas. As minhas?

Sim.

Por quê?

Vou repetir: porque tu se parece comigo.

Foi engraçado como uma piada que se entende muitos anos depois. Só fui entender no final daquele ano, nesse mesmo lugar, algumas horas antes do carro dos nossos pais despencar morro abaixo, sem a presença deles. Como um carro fantasma. Um milagre, tu costumava dizer quando contava sobre o nosso acidente em qualquer círculo social. Porque em dezembro de 2012 ganhamos uma espécie de tatuagem definitiva, a tua literal, como um arame na barriga — até hoje me pergunto quantas vezes na cama já te perguntaram se era a cicatriz de uma cesária —, a minha simbólica; carimbos grosseiros e vitalícios nas nossas carteiras de identidade.

Não tinha janelas. Chegamos num casebre de madeira que parecia o depósito de um psicopata chinelão. Senti uma espécie de arrepio castrador, algo que na época ainda não sabia nomear. Ele acendeu a pontinha do beque como se ateasse fogo nos beiços e bateu na porta com dois toques secos. O que lembro até hoje é o cheiro do bigode queimado quando sussurrou para eu chegar mais perto. E até então eu nem acreditava nessas coisas, mas o vento, eu juro, o vento soprou diferente. A porta se abriu sozinha e tudo que eu vi foi um crucifixo vazio cravado no meio do terreno.

Foi bem aqui, guri.

O que?

Que Cristo desceu da cruz.

Wisława Szymborska	Trecho de Correio Literário (Editora Âyiné, 2021)	Tradução de Eneida Favre
Observador, Cracóvia		
O senhor nos acusa injustamente de reprimir jovens talentos literários. «É preciso cuidar com mimos», lemos, «dessas plantinhas frágeis, e não como vocês fazem, criticando sua debilidade e a incapacidade de produzir um fruto já maduro». Não somos partidários do cultivo de plantinhas literárias em estufa. As plantinhas precisam se desenvolver num clima natural e adaptar-se desde cedo às condições ambientais. Às vezes a plantinha acredita que será um carvalho, mas nós vemos que é uma graminha comum. Mesmo os cuidados mais zelosos não vão transformá-la num carvalho. Às vezes, é claro, podemos nos enganar no diagnóstico. Mas, afinal de contas, nós não proibimos que essas plantinhas cresçam, nós as arrancamos com as raízes. Elas podem continuar crescendo para, algum dia, darem prova da nossa falibilidade. Admitiremos com entusiasmo nosso erro.		

